



TRILHANDO COM MULHERES NA ARTE URBANA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO CRIADO NAS MARGENS

Raquel Silva dos Santosⁱ

IFCE

Ana Clara Gadelha Mendesⁱⁱ

IFCE

RESUMO

O trabalho em questão aborda a importância do projeto de Arte Urbana intitulado *Mais Que Rosa*, por meio do relato de experiência de uma atividade de formação realizada na periferia de Fortaleza. A narrativa aqui desenvolvida consiste, sobretudo, na apresentação da educação libertadora e não-formal voltada para pessoas dissidentes e mulheres, através da abordagem triangular e com o intuito de fomentar uma perspectiva crítica, para educandos e educadores. Salientando, como resultado, o legado transformador nas histórias de vida dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Formação. Arte Urbana. Periferia. Mulheres.

Neste trabalho, pretende-se registrar o processo de construção e execução do curso *Trilhando com Mulheres na Arte Urbana*, realizado em 2023 dentro do projeto *Mais que Rosa* (MQR). Tal projeto, que evidencia a arte urbana feita por mulheres (cis e trans) e pessoas LGBTQIAP+ da cidade de Fortaleza tem o intuito de viabilizar espaços na cena da capital cearense onde este público possa ser sujeito do seu próprio fazer artístico, em contra ponto a predominância masculina frequente.

É pertinente mencionar que o MQR surge em 2018, como uma ação de extensão entre Unilab e IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará) intitulada de *Outubro Mais que Rosa* e encabeçada por uma estudante de artes visuais, atuante na área da educação desde 2014. O evento foi realizado após conversas pessoais entre mulheres que protagonizavam a arte urbana na cidade, à época, e expressavam o desejo de ter um espaço onde as mulheres fossem agentes. Dado esse ponto pé, o evento foi tomando outros formatos até se tornar o projeto *Mais que Rosa*, organizado e fomentado por e para mulheres e pessoas LGBTQIAP+. O MQR já conta com 5 anos de existência, e ao longo desse período organizou e produziu intervenções urbanas coletivas, mutirões, oficinas formativas, rodas de conversa e feira de artistas independentes.

O projeto ganhou visibilidade sobretudo nas redes sociais, onde os chamamentos para as atividades foram anunciados e compartilhados em grande escala, atividades essas ora voltadas para a prática, ora voltadas especialmente para o processo



formativo. A história do *Mais que Rosa* é extensa por isso fez-se necessário elencar apenas uma das muitas vivências construídas, portanto o foco deste trabalho será na experiência formativa denominada Trilhando com Mulheres na Arte urbana, realizada no ano de 2023 por meio de módulos, em parceria com a Rede Juv (Rede de Equipamentos da Juventude de Fortaleza) no Polo da Bela Vista, localizado na periferia da região metropolitana. Sendo realizado pela primeira vez, o curso objetivava ser básico e de caráter não-formal, promovendo estudos e práticas direcionadas para as técnicas de lambe-lambe, *stencil* e *free hand*. A participação, mediante inscrição, era aberta para mulheres, cis, trans e pessoas LBTQIAP+ que tivessem interesse nas artes urbanas, sem necessariamente ter uma experiência prévia.

Com intuito de subverter as opressões sociais que se refletem no âmbito educacional, os pensamentos e escritos de bell hooks (2017) se fazem tão importantes nesta reflexão. Martha Marandino (2017) também é figura fundamental ao abordar-se as formas e formatos da educação. Ao longo desse trabalho, perspectivas apresentadas por Judith Butler (2018) no que diz respeito ao ser político do corpo na rua serão rapidamente pontuadas. E ainda a metodologia artística educativa utilizada, bebe na fonte de expoentes como Fayga Ostrower (1981) e Ana Mae Barbosa (apud Fonseca, 2023) com sua abordagem triangular.

No primeiro dia de curso, a estrutura do lugar logo chamou atenção, pois o local estava em reforma, desse modo o único ambiente que fornecia luz e um espaço seguro era a quadra esportiva do polo cultural que não possuía mesas ou cadeiras disponíveis, assim o curso teve que ser executado nas arquibancadas e no chão. Apesar da decepção inicial, es alunes exalavam empolgação - e até pareciam estar cientes das questões estruturais - ver isso, sem dúvidas, reanimou todos presentes. A formação apresentou uma perspectiva crítica sobre a História da Arte - marcada sobretudo pelo machismo e racismo - até sua contemporaneidade, representada pela Arte Urbana, em seguida adentrou-se no conceito técnico de lambe-lambe, e, após a distribuição de materiais, inclusive de imagens impressas de pinturas renascentistas feitas por homens, foi proposto que, além de criações próprias, também fosse feita intervenções naquelas obras. Representar a diversidade de corpos presentes era o almejado, e nesse momento cada pessoa na oficina começou a se sentir à vontade pra falar de suas próprias vivências, ora de mulheridade, ora de corpo dissidente, e todos escutaram atentos. “O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz” (hooks, 2017, p.114), assim percebeu-se, pelos desenhos, pinturas, colagens e intervenções feitas, como os diálogos influenciaram no processo criativo.

A turma toda se direcionou para a área externa do Polo, todas as produções foram reunidas no chão para que se pensasse a melhor forma delas serem coladas em unidade, semelhante a um exercício de quebra-cabeça. Quando um consenso foi alcançado, encaminhou-se para ação urbana: os lambes foram colados, e cada participante teve papel fundamental, seja segurando as obras e aplicando a cola, ou até segurando uma lanterna - já que na parte externa a iluminação era bem escassa. “A ação é plural e pública, é o exercício do direito de se ter um lugar e de pertencer, e esse exercício é o meio pelo qual o espaço de aparecimento é pressuposto e



constituído” (Butler, 2018, p.66). Não só as artes juntas, mas os corpos em aproximação no fazer artístico também comunicavam a união de todes presentes ali.

No segundo dia, após aprofundamentos teóricos sobre a origem do *estêncil* e demonstrações da técnica, cada qual fez o seu molde para ser aplicado na parede ao lado dos lambes. É interessante que, mesmo tendo somente um dia de contato, era perceptível como todas as pessoas já se sentiam bem para compartilhar suas vivências. Dentre as histórias contadas, se destacou a de uma aluna, já conhecida pelas educadoras, que confessou às demais participantes que teve seu primeiro contato com arte urbana em 2019 através do MQR, e falou da importância destas formações e como isso modificou aspectos em sua vida, proporcionando um novo campo de trabalho e prática artística. “Para poder criar, é preciso poder falar com a própria voz sobre a própria experiência, falar de dentro para fora. Não existe procuração para criar, como não poderá haver procuração para se viver.” (Fayga, 1981, np). Reconhece-se, neste momento, que o empenho do projeto para realizar uma série de ações expansoras de horizontes, principalmente através da educação, onde a busca por igualdade de gênero é guia e a descentralização de atividades culturais é movimento, tem tido sua relevância.

No terceiro dia abordou-se a história da arte urbana no Brasil e no mundo, assim como foi visto muitas referências de grafites e murais, a maioria elaborados por mulheres, em seguida todas as pessoas do curso pensaram juntas a elaboração estética do mural. Todo o curso seguiu o movimento de apreciação de obras de arte, a contextualização e o fazer artístico, já que as educadoras tiveram como norte a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa. Também nesse dia, após as duas ações externas nos dias anteriores, houve uma maior interação dos moradores. Desde o dia anterior no curso contou-se com a presença de uma menina que morava bem em frente ao Polo, esse movimento despertou a curiosidade de seus amigos meninos, e muitos deles se juntaram a aula e questionaram, se mesmo não podendo pintar o mural, já que a atividade era voltada sobretudo para mulheres, se não poderiam desenhar do nosso lado. “Não somos simplesmente fenômenos visuais para os outros [...] quem somos, corporalmente, já é uma maneira de ser ‘para’ o outro” (Butler, 2018, p.86). As ministrantes do curso acharam significativo, pois essa aproximação se deu de forma natural, e concordou-se em distribuir papel e lápis para eles. Na finalização do mural, que se deu no último dia, foi imprescindível a união de todas e todes para pintar em conjunto na parte externa do Polo Bela Vista.

Todas as pessoas que estavam ali, presentes no curso Trilhando com Mulheres na Arte Urbana, se sentiram acolhidas, inclusive para compartilharem experiências que as uniam enquanto mulheres e/ou indivíduos LBTQIAP+. Por meio de conversas, debates teóricos acerca do feminismo no ocidente e da história da arte urbana foram-se estreitando esses laços, assim, construiu-se confiança para o aprofundamento nas práticas. Isto é, mulheres que nunca haviam feito uma ou mais das técnicas apresentadas, durante os dias de curso, se sentiram incentivadas pelo arcabouço proporcionado. Além disso, o fato da grande maioria das alunas morarem próximo ao Polo Bela Vista, tanto facilitou para que elas comparecessem e tivessem contato com o curso, quanto foi possível adentrar em debates sobre a territorialidade a qual estávamos inseridas, e seus recortes sociais. Possibilitando inclusive



conhecer um pouco sobre a vizinhança e a realidade que as cercam, nos enxergando como seres coletivos:

Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2017, p.273).

Nesse contexto, a arte urbana e sua variedade de ramificações, quando compartilhada entre mulheres e pessoas LGBTQIAP+ torna-se mais que uma válvula de escape, modificam realidades, dando lugar a uma presença visual incontestável nas ruas da cidade, uma vista da liberdade. Ana Mae Barbosa quando implementa a abordagem triangular salienta que:

as aulas de arte fomentam a experiência estética para o aluno, instigam o pensamento divergente, a exploração, a experimentação, o que exige alfabetização cultural, que integra a crítica, a leitura (do mundo de fora e do de dentro) e a produção de forma significativa para a vida do aluno. (apud Fonseca, 2023, p.230).

O resultado tem sido evidente a cada ano: mais e mais pessoas LGBTQIAP+ e mulheres, que nunca antes tiveram contato com a arte urbana, passam a ter e a reivindicar todos os espaços que essa expressão artística alcança. Por isso a existência do Mais Que Rosa é tão importante, viabilizando um local para as mulheres, onde o sentimento de medo não tem vez, e elas e elus possam se expressar artisticamente no meio urbano sem temer pela sua própria segurança.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. FONSECA, Annelise Nani da. **Criatividade coletiva: Arte e educação no século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, Coleção Estudos, 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

OSTROWER, F. **A criatividade na educação**. In: PEREIRA, M. de L. M. (coord.). A Arte como processo na educação. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

ⁱ Graduanda no curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Professora de artes na rede pública estadual e em instituições particulares em Fortaleza/CE, Brasil. Tem experiência na área de intervenções Urbanas, com ênfase em educação. E-mail: quelraquelsantos2@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0235265313704166>. Fortaleza, Brasil.

ⁱⁱ Graduada no Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Plásticas. Fortaleza, Ceará CE, Brasil. E-mail: anaclaragadmen@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4654248175183262>. Fortaleza, Brasil.